

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

A SUSPENSÃO DE PRESSUPOSTOS EM PSICOTERAPIA: POR QUE NÃO APLICAR A EPOCHÉ NA CLÍNICA?

Jordy Sartori Tamura (jordytamura@yahoo.com.br)

O campo da saúde mental encontrou na fenomenologia importantes contribuições para suas formulações teóricas: a descrição da consciência intencional e de seus momentos constitutivos serviu como um rigoroso referencial teórico para descrever fenômenos psicopatológicos. Contudo, não é um diálogo simples; houve muitos mal-entendidos. Por exemplo, a noção binswangeriana de ser-além-do-mundo revela uma clara má compreensão da analítica do Dasein. A proposta da presente comunicação é criticar uma tese amplamente difundida a respeito de psicoterapias fundamentadas fenomenologicamente: a de que o clínico deve aplicar a epoché em seus atendimentos. A noção de epoché é desenvolvida por Edmund Husserl para tratar de problemas filosóficos, mas não para a investigação de um domínio empírico particular, nem para qualquer forma de intervenção na realidade — como a psicoterapia. Há autores que entendem que a aplicação da epoché ocorre quando o psicoterapeuta suspende todos os pressupostos. É uma tese logicamente inconsistente: 1) pois a psicoterapia fundamentada fenomenologicamente tem uma compreensão prévia da constituição intencional

da vida humana, uma vez que a fenomenologia é um pressuposto; e 2) o psicoterapeuta não deve abrir mão de se orientar em função de uma finalidade, mesmo que ele e o paciente a repensem ao longo do processo: há uma ética pressuposta na ação clínica. É necessário reconhecer o valor de uma escuta atenta, que não realize uma “Cama de Procusto” com diagnósticos psiquiátricos. Contudo, a epoché não é uma mera suspensão de pressupostos teóricos, mas também da atitude natural; muitos autores a confundem com a cosmovisão das ciências naturais, ignorando que ela está presente e torna possível nossa vida cotidiana. O esforço do psicoterapeuta em aplicar a epoché possui os seguintes riscos: 1) dificuldade em encontrar uma orientação clara na literatura, uma vez que os filósofos falam de epoché em domínios não clínicos, e cada autor pensa sua aplicação clínica de modos razoavelmente distintos; 2) o psicoterapeuta pode ignorar deliberadamente elementos que não estão ausentes na prática clínica e, portanto, não devem ser ignorados, como o Código de Ética que orienta o ofício do psicólogo. Acreditamos que não devemos suspender os pressupostos em psicoterapia, mas, ao contrário, ter bastante clareza deles para torná-los habituais em nossa prática.

Palavras-chave: epoché; psicoterapia; fenomenologia; edmund husserl.